



Entre a *transparência*
e a *opacidade*:

**o que revisa
o revisor?**

led

**Valdir
do Nascimento Flores**

Texto atualizado resultante da participação do autor na mesa-redonda "Reflexões linguísticas sobre revisão de textos", no VI Fórum Nacional de Revisão de Textos, ocorrido on-line e organizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nos dias 15 e 16 de agosto de 2024.



Entre a *transparência*
e a *opacidade*:

**o que revisa
o revisor?**



**Valdir
do Nascimento Flores**

Sumário

Primeiras palavras: o revisor e a complexidade constitutiva da linguagem.....	5
Sobre a <i>transparência</i> e a <i>opacidade</i> na linguagem.....	8
Para concluir	16
Fontes de inspiração.....	22

Primeiras palavras: o revisor e a complexidade constitutiva da linguagem

Começo por uma afirmação: a revisão textual é um trabalho muito difícil, que merece ser constantemente discutido e comentado. Tal afirmação parece ratificar uma mera evidência; entretanto, parafraseando o grande linguista francês Émile Benveniste, “às vezes, é útil pedir a evidencia que se justifique” (Benveniste, 1988, p. 284).

Eu faço revisão há muitos anos; dedico-me especificamente ao trabalho de revisão de provas de concursos elaboradas no âmbito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Incluem-se aí todos os tipos de concursos e seleções que fazem parte da realidade universitária, desde aqueles que têm larga escala até aqueles que têm abrangência mais delimitada. Esse trabalho exige do revisor grande atenção no que diz respeito a questões normativas evidentemente, mas não apenas; há outras camadas de leituras que se superpõem (quanto à

textualidade, à adequação ao público leitor etc.), quando o que está em questão é esse tipo de atividade. É a partir dessa experiência que eu me dirijo a todos os colegas revisores.

Quando me convidaram para falar sobre o assunto da atividade de revisão de linguagem (que é como eu gosto de designar esse trabalho), eu propus no interior desse grande tema um recorte que não pode ser considerado, propriamente, comum, pois, já em seu título (“Entre a *transparência* e a *opacidade*: o que revisa o revisor?”), aparecem duas palavras que não são correntes na literatura em torno da revisão: *transparência* e *opacidade*. Assim, em linhas gerais, o objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta de entendimento da atividade de revisão de linguagem – trabalho que implica diferentes dimensões linguísticas (lexical, sintática, textual etc.) – a partir das noções de *transparência* e *opacidade* da linguagem (cf. Récanati, 1979). A ideia é mostrar que o trabalho do revisor se caracteriza, entre outras coisas, pelo reconhecimento de que na linguagem não há absoluta *transparência* (de sua significação e de sua forma), exigindo do revisor, portanto, um esforço de leitura que o faz operar simultaneamente com a *transparência* e com a *opacidade* da linguagem; quer dizer, que o faz operar não apenas com atenção àquilo que está sendo dito, mas também ao fato de ser dito. Essa distinção recebe, em linguística, uma dupla designação: o *enunciado* (o dito) e a *enunciação* (o fato de ser dito). Dito de outro modo, parto do princípio de que o revisor trabalha sempre entre o que é da ordem do enunciado e o que é da ordem da enunciação.

Antes, porém, de passar ao desenvolvimento especificamente desse objetivo, eu gostaria de enfatizar que, embora esteja inspirado da obra do filósofo francês François Récanati, o autor que melhor desenvolveu essas ideias no campo da pragmática e da enunciação, eu estou tomando as noções de *transparência* e *opacidade* por ele formuladas de maneira muito particular; isto é, como duas categorias a partir das quais eu vou olhar para o trabalho da revisão, o que está bastante distinto e distante do que estuda Récanati.

Récanati reflete sobre a *transparência* e a *opacidade* em um livro, publicado em 1979, intitulado *La transparence et la énonciation* [A *transparência e a enunciação*, em tradução livre]. Desde que esses conceitos foram propostos, observou-se grande efeito dentro da linguística, muito especialmente dentro da linguística da enunciação de origem francesa, lugar a partir do qual tenho sempre conduzido minhas pesquisas no interior dos estudos da linguagem.

Ora, a obra de Récanati consolidou-se como uma referência no campo, especialmente por apresentar uma tese cujo impacto ainda precisa ser avaliado em várias direções: “a tese central [...] é que no sentido de um enunciado reflete-se o fato de sua enunciação” (Récanati, 1979, p. 7). Segundo Récanati, essa ideia é incompatível com o que ele denomina “representacionalismo”, uma teoria da significação que parte da constatação “do fato (incontestável) de que as palavras, os enunciados e, mais geralmente, os signos são coisas por intermédio das quais podemos falar de outras coisas” (Récanati, 1979, p. 7-8). O representacionalismo, ao tentar explicar como os signos podem representar outras coisas, atribui a eles a característica da *transparência* em relação ao que representam. Ou seja, enunciados e signos são considerados transparentes porque se referem a algo além deles mesmos. Nessa visão, desconsidera-se que o enunciado, devido à sua enunciação, é um fato em si. Por isso, afirma-se que o signo e o que ele representa ou significa não podem ser analisados simultaneamente, mas apenas de forma alternada. Caso contrário, o signo perderia sua *transparência* e se tornaria opaco: “se se leva em conta o que o signo é como coisa, ele se torna opaco e perde sua virtude representativa; disso, resulta que um signo não pode se autorrepresentar reflexivamente” (Récanati, 1979, p. 8).

Como se pode notar, a discussão de Récanati é bastante complexa e com forte impacto na linguística e nas teorias filosóficas da linguagem; nesse sentido, o autor não mobiliza as noções de *transparência* e *opacidade* da linguagem para falar da atividade de revisão linguística, mas para aprofundar e discutir a noção de signo linguístico.

Guardadas as devidas diferenças de objetivos, nós adotaremos o procedimento de Récanati para a reflexão que fazemos aqui, uma vez que a ideia é mostrar que o trabalho do revisor – por implicar o reconhecimento de que na linguagem não há total *transparência* (nem de sentido, nem de forma) – incide sobre o próprio estatuto do signo linguístico, quando o torna opaco. É isso que me permitirá dizer, ao fim, que o revisor é um leitor de tipo muito singular, o qual, ao operar simultaneamente com a *transparência* e com a *opacidade* da linguagem, não apenas está focando sua atenção ao conteúdo (incluindo a forma e o sentido desse conteúdo) do que está sendo dito (ou escrito, no caso de textos escritos), mas também ao ato de dizer.

Por fim, é justo dizer que reconheço que introduzi o assunto com uma formulação um pouco abstrata; no entanto, espero tornar tudo mais palpável ao leitor ao apresentar, adiante, detalhadamente as noções de *transparência* e *opacidade* em geral para, então, podermos aplicá-las à linguagem e para, posteriormente, aplicá-las à atividade de revisão de linguagem. É isso que farei daqui para a frente.

Sobre a *transparência* e a *opacidade* na linguagem

Começamos fazendo uma analogia simples: o vidro de uma janela. Para tanto, observemos a figura a seguir:



Figura 1 – A *Transparência* - primeira aproximação. Fonte: Getty Images by Canva for Education.

O que vemos aí? Uma janela com um vidro cuja *transparência* permite que se possa ver o que está do outro lado do vidro. Trata-se de um vidro transparente, que se interpõe minimamente entre o observador, aquele que vê, e o objeto visualizado, o que é visto.

Sem nos determos em alguma propriedade técnica da composição do vidro – o que estaria para além de nossos objetivos aqui –, essa imagem nos é suficiente para ilustrar didaticamente o que estamos, em princípio, chamando de *transparência*: trata-se da propriedade de permitir ver nitidamente o que está por trás. De certa forma, pode-se dizer que o olhar do observador “atravessa” o vidro e chega aos objetos que estão posicionados para além dele. Dito de outra maneira, o vidro não se interpõe entre quem vê e aquilo que é visto.

Passemos agora à figura a seguir:



Figura 2 – A opacidade - primeira aproximação. Fonte: [Unplash](https://www.unplash.com).

Aqui, temos uma *opacidade*. Nesse caso, pode-se dizer que o vidro se interpõe entre o observador e o objeto observado. Ou seja, pode-se considerar que, de certa maneira, o observador é “obrigado” a “parar” sua observação no vidro, sem conseguir alcançar diretamente a coisa observada. Nessa segunda situação, o vidro se apresenta como coisa,

sem cumprir completamente alguma função representativa em relação a algo que não é ele.

Isso posto, temos condições de delinear uma primeira distinção entre *transparência* e *opacidade*: na primeira situação, ilustrada pela figura 1, o vidro não se interpõe entre o observador e o objeto observado, tornando-se, poderíamos dizer grosso modo, “invisível”; na segunda, ilustrada pela figura 2, o próprio vidro se interpõe como “coisa”, passando a ter, ele mesmo, o estatuto de um objeto.

Obviamente, pode-se supor a existência de objetos por trás do vidro opaco; isso em nada invalida nosso raciocínio aqui, pelo contrário, confirma-o. Quer dizer, a *opacidade* do vidro não impede que se perceba a existência de objetos para além dele; na verdade, o que é dificultado, nesse caso, é o exato delineamento desses objetos; eles não são nem evidentes, nem fáceis de serem definidos.

Transpondo essa alegoria dos vidros transparente e opacos para uma observação mais detida da linguagem, é possível ver que o *signo linguístico* pode ser tomado pelo sujeito ou como transparente ou como opaco; ele é transparente quando seu funcionamento como signo ocorre sem que o leitor – no caso do texto escrito, vale reiterar, já que o mesmo poderia se dar na modalidade oral – precise “parar” nele para compreendê-lo; ele é opaco quando seu funcionamento como signo não se realiza maximamente, fazendo com que o leitor “pare” no signo e o tome não como um meio para chegar ao conteúdo, mas como o próprio conteúdo a ser decifrado. Exemplos do cotidiano não faltam para ilustrar isso.

O primeiro exemplo vem do próprio Récanati. Vamos citá-lo longamente:

quando se lê um livro, não se presta atenção aos caracteres, mas ao que eles representam. Ao contrário, prestando-se atenção aos próprios caracteres, perde-se de vista o que eles representam. Há aí alguma coisa de paradoxal: de um lado, para acessar à coisa representada, deve-se recorrer ao signo, à coisa representante, porque nós conhecemos a coisa representada por seu intermédio; mas, de outro lado, deve-se fazer abstração do signo, da coisa

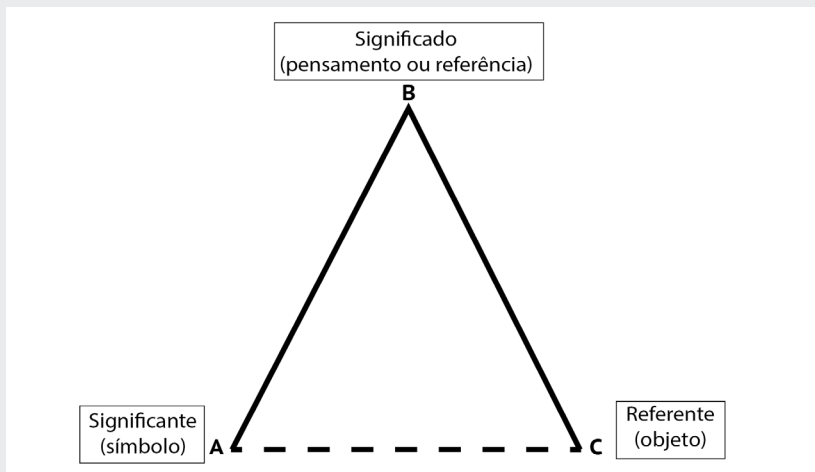
representante, para acessar aquilo que ela representa: deve-se fazer como se o signo não existisse, deve-se tratá-lo como nada. O signo deve estar ao mesmo tempo presente e ausente para representar a coisa significada. Esse paradoxo é muito sensível em toda a literatura clássica: é o paradoxo da presença-ausência do signo. É preciso que o signo esteja presente (para representar a coisa significada); mas se ele estiver presente demais, ele acaba por esconder a coisa que ele deve desvelar (Récenati, 1979, p. 17, tradução nossa).

O segundo exemplo vem de um fato trivial, alargando-se a discussão para além do que se entenderia por signo linguístico *stricto sensu*, estendendo-o às frases, enunciados etc. Se vocês me solicitam uma informação do tipo “Que horas são?” e eu respondo “são 17:00”, ou se vocês me perguntam “Onde fica a loja X?” e eu respondo “A loja X situa-se na rua Y”, em ambas as situações temos um funcionamento transparente da linguagem; quer dizer o fato de as perguntas terem acontecido (a sua enunciação), ou ainda, o fato de que alguém tenha feito as perguntas não são objeto de reflexão de minha parte. Eu simplesmente compreendo o conteúdo (o enunciado) do que está sendo perguntado e respondo da melhor maneira possível.

Agora, vamos pensar em uma outra situação ainda considerando as perguntas acima. Se eu passo a refletir sobre o fato de as perguntas terem sido feitas (algo que poderia ser parafraseado por “Por que essa pessoa me perguntou isso agora?”), ou se eu fico pensando na entonação que a pessoa utilizou para fazer a pergunta (algo do tipo “ Por que essa pessoa utilizou esse tom para fazer essas perguntas?”), em ambos os casos o signo se opacifica, quer dizer, o fato de as perguntas serem enunciadas se interpõe.

Em outras palavras, todos os exemplos acima mostram de forma didática que *transparência* e *opacidade* são dois funcionamento constitutivos da linguagem. Trata-se sempre da presença-ausência do signo.

Até aqui pensamos apenas a relação entre o signo e o que ele representa. Mas essa discussão pode ser complexificada com o auxílio do esquema 1, abaixo.



Esquema 1 – O triângulo de Ogden e Richards.

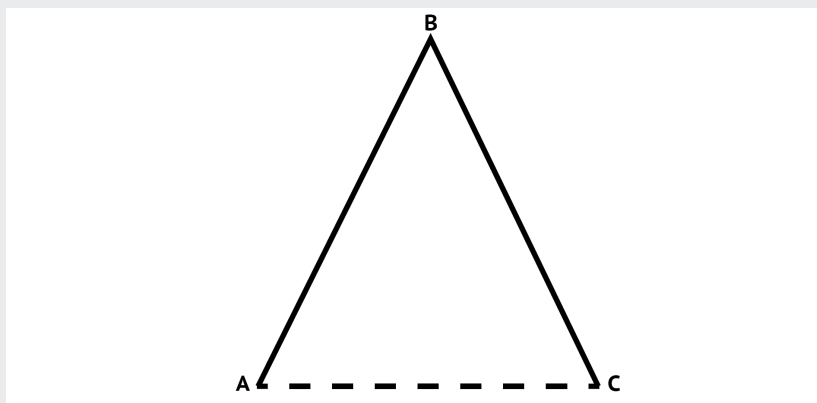
Fonte: Adaptado de Blikstein (2018).

Nesse esquema o que vemos? Trata-se de um modelo analítico que apresenta o signo linguístico constituído por três partes. O símbolo (o *significante*, para Saussure (1975)), a referência ou pensamento (o significado, para Saussure (1975)) e o referente (a coisa, o objeto da realidade extralinguística). Esse triângulo ficou célebre na apresentação que dele fizeram os filósofos e linguistas ingleses Charles Kay Ogden (1889-1957) e Ivor Armstrong Richards (1893-1979), no livro *The Meaning of Meaning: A Study of the Influence of Language upon Thought and of the Science of Symbolism* (1946) [*O Significado do Significado: Um Estudo sobre a Influência da Linguagem no Pensamento e da Ciência do Simbolismo*, em tradução livre]. O “triângulo de Ogden e Richards”, como ficou conhecido, explicita uma visão referencialista da linguagem. Ou, como lembra Ullman (1987, p. 117), uma visão antiga, já presente nos escolásticos medievais em que “*vox significat (rem) mediantibus conceptibus*” [a palavra significa (a coisa) por intermédio de conceitos”] (cf. Lyons, 1980, p. 85).

Ogden e Richards interpretam o triângulo de modo a destacar que, de um lado, não há relação direta entre as palavras (os símbolos) e as coisas que elas representam (é o que ilustra a linha pontilhada entre

“símbolo” e “referente”); de outro lado, a palavra (o símbolo), por sua vez, simboliza diretamente um “pensamento ou referência” (é o que atesta a linha contínua entre “símbolo” e “pensamento ou referência”); por fim, o “pensamento ou referência” mantém uma relação direta com o “referente” (é o que atesta a linha contínua entre “símbolo” e “referente”).

Como se pode ver, há três relações diádicas que podem ser mais bem visualizadas se mantivermos do triângulo anterior apenas as letras (cf. Lyons, 1977, p. 84-86), de acordo com o Esquema 2, a seguir.



Esquema 2 – As relações AB, BC e AC.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Lyons (1977).

Tem-se, assim, duas relações fundamentais: AB e BC, indicadas pelas linhas contínuas; e tem-se uma relação derivada, a relação entre A e C através de B, indicada pela linha pontilhada entre A e C.

Há dois aspectos a considerar nessa proposta de Ogden e Richards que são pertinentes aqui. Em primeiro lugar, a relação entre o referente e a referência – quer dizer, entre o objeto e o significado – é tomada de maneira direta pelos autores (a linha contínua que liga o vértice do “pensamento ou referência” ao vértice do “referente”), ocorrendo da mesma forma com a relação entre o símbolo e o significado autores (a linha contínua que liga o vértice do “símbolo” ao vértice do “pen-

samento ou referência”). Em segundo lugar, a natureza indireta da relação do símbolo com o referente, mediada que é pela referência.

Por fim, é importante destacar que não nos interessa avaliar todos os desdobramentos da teoria de Ogden e Richards; nossa intenção em referi-los é apenas para dar a conhecer uma perspectiva de linguagem que leva em conta o “referente”, a realidade extralinguística.

Vamos dar um exemplo com relação a essa segunda perspectiva aqui apresentada. Considere a Figura 3.

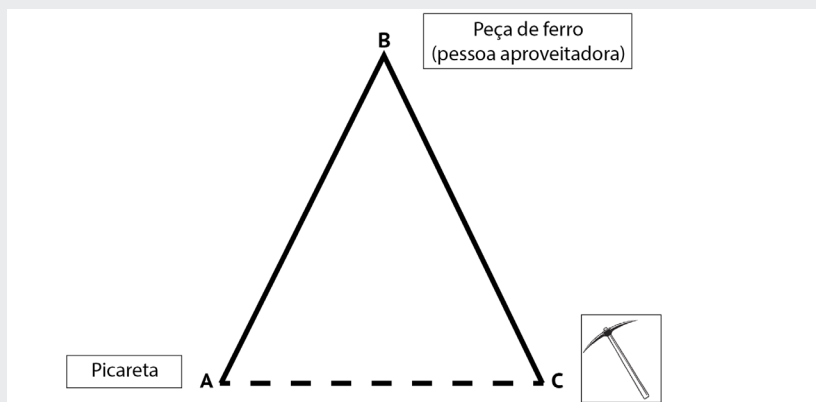


Figura 3– Um exemplo de *transparência*.
Fonte: Elaborado pelo autor.

O que vemos aí? No vértice A do triângulo, a palavra, o símbolo “picareta”; no vértice B, alguns sentidos atribuíveis a essa palavra (positivos e/ou negativos); no C, o objeto, o referente no mundo. Nesse caso, o signo funciona de maneira transparente em relação ao que ele representa, independentemente de estarmos falando da palavra em um sentido literal (por exemplo, picareta entendida como instrumento que consiste em uma peça de ferro com duas pontas aguçadas, que se prende a um cabo e serve para escavar a terra, arrancar pedras etc.) ou em um sentido conotado (picareta entendida no sentido de pessoa aproveitadora, que utiliza meios condenáveis para obter o que deseja).

Agora, observemos a tirinha a seguir, de autoria da cartunista Cecilia Alves Pinto (Ciça).



Fonte: Ciga. *O pato no formigueiro*. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

Aqui vemos uma formiguinha professora – a formiga é uma personagem recorrente da cartunista – corrigindo sua aluna com relação à grafia do verbo “pechinchar”. Essa personagem, que bem poderia ser considerada, no contexto de nossa discussão, uma “formiguinha revisora”, opacifica a palavra “pechinchar”, ao falar não daquilo que ela representa (“pedir abatimento no preço de alguma coisa; procurar comprar barato; barganhar, regatear”), mas de sua forma significante. Nessa situação, aplica-se o que diz Récanati: “se se leva em conta o que o signo é como coisa, ele se torna opaco e perde a sua virtude representativa” (Récanati, 1979, p. 8, tradução nossa).

Na continuidade da tirinha, vemos, no último quadrinho, a formiguinha menor exatamente “pechinchando”: “ah, fessora, deixa por cem, vá?!”. Quer dizer, nesse caso, a formiguinha-aluna, pela sua enunciação, recompõe o sentido transparente da palavra.

Isso posto, poder-se-ia indagar: o que essa discussão acerca da *transparência* e da *opacidade* na linguagem tem a ver com a atividade de revisão linguística?

No caso da revisão de linguagem, isso funciona mais ou menos assim: o signo linguístico e as demais unidades linguísticas – sejam elas palavras, frases, parágrafos etc. – pode se apresentar para o revisor ou como transparente, ou como opaco, ou como ambos simultaneamente. É sobre isso que falaremos no próximo momento.

Para concluir: a leitura do revisor e a revisão - entre a *transparência* e a *opacidade* da linguagem

Para terminar, gostaríamos de defender a ideia de que o revisor de linguagem é um leitor que opera metalinguisticamente entre a *opacidade* e a *transparência* do texto, tese essa que, acreditamos, não está explícita em Récanati, mas que pode ser derivada de sua teorização.

Ora, para melhor entender o que esse está sendo proposto, vale iniciar pela noção de *metalinguagem* para, então, mostrar como o revisor opera nessa instância. Partimos, na verdade, do princípio de que a linguagem exerce muitas vezes uma função metalinguística (Jakobson, 1974). Conforme Jakobson, a função metalinguística é a realização discursiva da faculdade metalinguística inerente à faculdade de falar uma língua: “a faculdade de falar determinada língua implica a faculdade de falar acerca dessa língua” (Jakobson, 1974, p. 67). Segundo o linguista, a

metalinguagem, além de ser “um instrumento científico necessário, utilizado pelos lógicos e pelos linguistas, desempenha também um papel importante em nossa linguagem cotidiana” (Jakobson, 1974, p. 127). Quer dizer, “o recurso à metalinguagem é necessário [...] para o seu funcionamento normal” (Jakobson, 1974, p. 47). Em outras palavras, temos a função metalinguística quando falamos da língua com a própria língua, e isso pode se dar em dois níveis: em um nível, digamos, técnico (lógico, gramatical, próprio ao linguista e ao gramático, por exemplo) e em um nível cotidiano (próprio a qualquer falante de uma língua). Vejamos no quadro a seguir o resumo dessas ideias:

Função metalinguística (propriedade que têm as línguas de voltarem-se sobre si mesmas para descreverem-se)	
Cotidiana	Técnico-gramatical
Realiza-se na função metalinguística normal quando um falante fala de sua própria língua (o metadiscurso do falante)	Realiza-se no modo científico-didático, quando um linguista ou um gramático, por exemplo usam a língua para falar da língua (o metadiscurso do linguista, por exemplo)

Quadro 1: Identificação dos níveis da função metalinguística.

Observemos dois exemplos comuns que ilustram o que o quadro acima sistematiza.

- Função metalinguística cotidiana.

O exemplo vem do próprio Jakobson (1974, p. 46):

Muitas vezes, em um diálogo, os interlocutores cuidam de verificar se é, de fato, o mesmo código que estão utilizando.

“Está me ouvindo? Entendeu o que quero dizer?”, pergunta o que fala, quando não é o próprio ouvinte que interrompe a conversa com um “O que é que você quer dizer?” Então, ao substituir o signo que causa problema por outro signo que pertença ao mesmo código linguístico ou por todo um grupo de signos do código, o emissor da mensagem procura torná-lo mais acessível ao decodificador.

Em outras palavras, sempre que voltamos sobre a língua para falar dela, desempenhamos a função metalinguística cotidiana. Isso é muito comum em expressões do tipo “ou seja”, “isto é”, “quer dizer” etc.

- Função metalinguística gramatical.

O exemplo vem de parte da extensa análise feita por Neves (2000, p. 487) dos pronomes do português:

“A forma **MEU** (e suas flexões) é usada em **vocativos**:

- Indicando tratamento cerimoniosos

*Pois não, **MINHA SENHORA**, às suas ordens*

*Há uma evidente contradição entre a escada e o leito, **MEUS SENHORES** E **MINHAS SENHORAS***

- Indicando afetividade ou intimidade

*Volte sempre, **MINHA QUERIDA**, volte sempre! [...]*

Nesse tipo de expressão podem estar implicados ironia e desprezo:

*Se você, **MINHA QUERIDA**, um dia bater em minha porta, juro que vou esmagar sua cabeça”.*

Nesse caso, tem-se uma metalinguagem formalizada que corresponde, grosso modo, em sua versão científica, ou ao discurso do linguista ou ao de quem ensina/aprende uma língua, quer dizer, ao discurso de quem se interessa pela língua de alguma maneira especializada (gramáticos, linguistas etc.).

Isso posto, cabe indagar agora: como podemos compreender as noções de *transparência* e *opacidade* em relação à função metalinguística?

Em resposta, diremos apenas que tanto o falante como o linguista (ou

Após esse percurso, em que recorremos às noções de *opacidade*, *transparência* e função metalinguística (cotidiana e técnico-gramatical), podemos lançar nosso olhar sobre a atividade de revisão de linguagem. Para tanto, considere o exemplo 1 abaixo, retirado da revisão de uma prova de concurso.



No exemplo 1, vemos exatamente o revisor operar com a *opacidade* com vistas à *transparência*, seu objetivo final, sem dúvida. Há, no exemplo, um série de solicitações de forma e de sentido: “quem?” (pergunta pelo sujeito da frase); “Assinale a alternativa correta” (sugestão de formulação de enunciado) etc.

Agora, observemos o exemplo 2.

01. Considere as afirmações abaixo, sobre a expansão marítima europeia a partir do final do século XV.

- I - Portugal e Espanha foram os únicos a organizar expedições marítimas.
- II - As expedições marítimas não contribuíram para o enriquecimento das metrópoles.
- III - A exploração das colônias, a partir da expansão marítima, também foi caracterizada pela escravização.

Quais estão corretas?

- (A) Apenas I.
- (B) Apenas II.
- (C) Apenas III.
- (D) Apenas I e III.
- (E) I, II e III.

Exemplo 2: A Revisão transparente.

Fonte: arquivo do autor.

Aqui, vemos o produto final, já aplicada a leitura opacificante do revisor. Observe-se que, nesse caso, o objetivo final é permitir ao leitor uma leitura o mais transparente possível. Evidentemente isso não impede que novos níveis de leitura se construam, o que pode permitir outras possibilidades de opacificação de um determinado texto.

O importante, porém, ao menos do ponto de vista que assumimos aqui, é perceber que o revisor opera, ao mesmo tempo, entre a análise intralinguística, pois ao criar ou recriar, em uma outra formulação linguística, um sentido, ele produz sentido põe em relevo a *opacidade* e a *transparência* do gesto de revisar um texto.

Muito obrigado!

Fontes de inspiração

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

BLIKSTEIN, Isidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Contexto, 2018.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1974.

LYONS, John. *Semântica*. v. 1. Trad. Wanda Ramos. Porto: Editorial Presença, 1980.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OGDEN, Charles Kay; RICHARDS, Ivor Armstrong. *The Meaning of Meaning: a Study of Influence of Language upon Thought and of Science of Symbolism*. Nova York: Harcourt, Brace & World, Inc., 1946.

RÉCANATI, François. *La transparence et la énonciation*. Paris: Seuil, 1979.

ULLMANN, Stephen. *Semântica*. Uma introdução à ciência do significado. Trad. J.A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1975. [Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein].

CIÇA. *O pato no formigueiro*. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.



Valdir do Nascimento Flores é Professor Titular em Linguística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFRGS. Professor convidado na École Normale Supérieure - Paris/França e Université de Paris III. Tem Mestrado em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992), doutorado em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997), pós-doutorado (CNPQ), na Université de Paris XII-Val-de-Marne, e Pós-doutorado (CAPES), na Université de Paris X - Nanterre. É professor/orientador do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS. É membro do Cercle Ferdinand de Saussure, com sede em Genebra(Suíça). Foi semifinalista do 1 Prêmio Jabuti Acadêmico, com o livro *A linguística geral*

de Ferdinand de Saussure (Ed. Contexto, 2023). Os temas de suas pesquisas circunscrevem-se a três campos: aspectos epistemológicos da linguística (Ferdinand de Saussure; Roman Jakobson, Émile Benveniste, Jean-Claude Milner, entre outros), Linguística da Enunciação (Émile Benveniste, Henri Meschonnic, Antoine Culioli, entre outros) e estudos sobre tradução. Nos últimos anos, suas pesquisas (CNPq) têm buscado desenvolver uma perspectiva antropológica de abordagem da enunciação. É bolsista PQ-CNPq.

Modernismos: Poesia em Pernambuco – recortes

Pedro Américo de Farias

Concertar, consertar: Notas sobre preparação de originais e revisão de provas

Leonardo Mordente

Sobre a relação editor-autor

José Luis de Diego

Notícias falsas: Repensando as *fake news* nas redes sociais digitais a partir de notícias falsas impressas sobre política brasileira (séc. XX)

Petrilson Pinheiro

Elas editam: História editorial e arquivos vivos na Colômbia

Paula Andrea Marin Colorado

Tecnologia educacional: Quando o meio é o fim

Vilson J. Leffa

Quem ensina a escrever?

Ana Elisa Ribeiro

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET-MG)

Diretora-Geral

Carla Simone Chamon

Vice-Diretor

Conrado Rodrigues

Chefe de Gabinete

Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

Diretora de Educação Profissional e Tecnológica

Lilian Aparecida Arão

Diretor de Graduação

Moacir Felizardo de França Filho

Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação

Laise Ferraz Correia

Diretor de Planejamento e Gestão

Flávio Luis Cardeal Pádua

Diretor de Extensão e Desenvolvimento Comunitário

Patterson Patrício de Souza

Diretora de Governança e Desenvolvimento Institucional

Carolina Riente de Andrade

Diretor de Tecnologia da Informação

Sandro Renato Dias

Diretor de Desenvolvimento Estudantil

Leandro Braga de Andrade

DEPARTAMENTO DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA

Chefe

Renato Caixeira da Silva

Chefe Adjunta

Natália Moreira Tosatti

BACHARELADO EM LETRAS - TECNOLOGIAS DE EDIÇÃO

Coordenadora

Luiz Antônio Ribeiro

Coordenadora Adjunta

Guilherme Lentz da Silveira Monteiro

**Coordenadora**

Elaine Amélia Martins

Coordenadora Adjunta

Ana Elisa Ribeiro

Comissão Editorial

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa

Prof. Dr. Wagner Moreira

Conselho Editorial

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFSM, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (UNI-BH, Brasil)

Prof. Dr. Mário Vinícius Ribeiro Gonçalves (CEFET-MG, Brasil)

LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras: Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

www.led.cefetmg.br | led.cefetmg@gmail.com

© Valdir do Nascimento Flores, 2025.

© desta edição, LED, 2025.

1ª edição, agosto de 2025

Coordenação editorial da coleção

Ana Elisa Ribeiro e Wagner Moreira

Preparação de texto

Ana Elisa Ribeiro

Projeto gráfico

Antônio de Andrade

Diagramação

Alicia Teodoro

Izabella Farace

Capa

Antônio de Andrade, Ana Elisa Ribeiro e Izabella Farace

Revisão de Texto

Fabiane Diniz

A “Coleção Aspas” tem o objetivo de publicar textos que originalmente foram falados, como conferências, palestras e aulas, de pesquisadores e pesquisadoras convidados/as.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária

Bibliotecário: Wagner Moreira de Souza – CRB/6-2623

F634e

Flores, Valdir do Nascimento

Entre a transparência e a opacidade [recurso eletrônico]: o que revisa o revisor? Valdir do Nascimento Flores. Belo Horizonte: LED, 2025.

28 p. (Coleção Aspas)

ISBN: 978-65-87948-62-1

1. Linguística. I. Título.

CDD: 410

